

RESENHA

O PLURAL, O POLIFÔNICO E O VISCERAL NA OBRA CATÁRTICA DE JOHN BARROS

LO PLURAL, LO POLIFÓNICO Y LO VISCERAL EN LA OBRA CATÁRTICA DE JOHN BARROS

THE PLURAL, THE POLYPHONIC, AND THE VISCERAL IN THE CATHARTIC WORK OF JOHN BARROS

DOI: 10.22481/rbba.v12i01.12557

Resenha de BARROS, John. *Catarse: um manifesto poético*. Carmo do Rio Claro: Manufatura das letras, 2022.

Gledinélio Silva Santos¹
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
Id. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4817151560311034>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9735-5013>
Endereço eletrônico: g.nelio@hotmail.com

RESUMO

A presente resenha trata do livro “Catarse: um manifesto poético”, de John Barros. Na obra em questão, o autor nos apresenta poemas que passeiam por diversos temas, ora tecendo seus versos num tom intimista, ora num tom mais crítico e direto. Por se tratar de uma obra poética, os aspectos formais e estilísticos aqui apresentados se encontram em segunda ordem, privilegiando a

Publicado sob a Licença Internacional – CC BY-NC-SA 4.0

ISSN 2316-1205	Vit. da Conquista, Bahia, Brasil / Santa Fe, Santa Fe, Argentina	Vol. 12	Num.1	Jun/2023	p. 444-449
----------------	--	---------	-------	----------	------------

profundidade das imagens construídas pelo poeta e dinâmicas impostas por seu eu lírico.

Palavras-chave: Plural. Polifônico. Visceral. Imagens poéticas.

RESUMEN

Esta reseña trata del libro “Catarse: um manifesto poético”, de John Barros. En la obra en cuestión, el autor nos presenta poemas que transitan por distintas temáticas, tejiendo a veces sus versos en un tono intimista, a veces en un tono más crítico y directo. Al tratarse de una obra poética, los aspectos formales y estilísticos aquí presentados serán de segundo orden, privilegiando la profundidad de las imágenes construidas por el poeta y la dinámica que impone su yo lírico.

Palabras Clave: Plurales. Polifónico. Visceral. Imágenes poéticas.

ABSTRACT

This review talks about the book “Catarse: um manifesto poético”, by John Barros. In the work in question, the author presents poems that go through different themes, sometimes weaving his verses in an intimate tone, sometimes in a more critical and direct way. As it is a poetic work, the formal and stylistic aspects presented here will be in second order, privileging the depth of the imagery constructed by the poet and the dynamics imposed by his lyrical subject.

Keywords: Plural. Polyphonic. Visceral. Poetic imagery.

Composto por setenta e oito poemas e um manifesto que os precede, os versos contidos em *Catarse – Um manifesto poético* (2022), do cantor, compositor, poeta e escritor conquistense John Barros, são partes constitutivas de uma obra plural, polifônica e visceral. Sua pluralidade aqui não é reduzida à diversidade de temas contidos em seus poemas, visto que bastaria lançar um simples olhar no sumário para chegar a esta conclusão. Refiro-me à pluralidade de sentidos dispensados aos temas que se repetem, como o amor, a existência, a cidade, o mundo, dentre outros. Há uma forma distinta de olhar para eles em cada poema, sem incorrer ao risco de se tornar ou parecer contraditório. Como uma espécie de alargamento dos sentidos, ir além do que antes havia sido vislumbrado e dito.

É nessa perspectiva que a multiplicidade de vozes aparece. Fosse uma canção, a alternância de timbres e tons seria a melhor questão a ser sublinhada. E como um cantor que é, o eu lírico de John entoa seus poemas de modo único. Embora o poeta que os assina seja o mesmo, as palavras ecoam conforme o sentimento que cada verso pede. Assim, se nos dez primeiros poemas que compõem uma espécie de preâmbulo de uma parte denominada “Em nome do amor”, e os mesmos nos soam melancólicos, duros, às vezes beirando o pessimismo; os que surgem em seguida, por outro lado, já não têm o mesmo ar soturno e fatalista, arrebatando-nos pela força desse sentimento reverenciado para um novo modo de olhar as coisas e encarar a própria vida — mesmo diante de suas intempéries e inevitáveis tragédias.

Como ocorre no caso desse olhar sobre a “existência”, onde se observa a latência da dúvida conduzindo os versos: “Quem sabe as intensas dores ocultas possam falar / Quem sabe os efeitos do que corrói por dentro possam expulsar / Quem sabe os conflitos internos possam gritar / ou quem sabe o drama seja a própria existência” (BARROS, 2022, p. 19). Se nesse poema de abertura do preâmbulo o tom nebuloso é o que impera, em “Mantra” o que se observa é um clima solar, primaveril e alegre:

Gotas de amor sem trégua
ninguém pode deter nem inverter
a face de uma entrega

Gira entre nós música no seio da terra
perfume de flor, colo multicolor e ar de primavera

Para cada corpo uma vida
Para cada existência uma dádiva
Para cada hino um mantra (BARROS, 2022, p. 33).

Certamente a primeira questão que nos surge, antes mesmo de adentrarmos em tal manifesto poético, incide sobre o que há de catártico na obra de John Barros. Para entendermos, como de praxe, é preciso antes fazermos um pequeno exercício etimológico e hermenêutico. *A priori*, por catarse podemos considerar tal conceito como uma forma de libertação daquilo que nos reprime, alívio de sentimentos, traumas, medo ou raiva. Ou como apresentado por John Barros em suas “palavras-chaves”: “Libertação / Purificação / Contemplação / Emoção / Paixão / Arte / Poesia / Renovação / Alforria / Emancipação / Choro profundo / Alegria intensa / Oração / Coragem / Delírio” (BARROS, 2022, p.15).

Desde os gregos a catarse (κάθαρσις, *kátharsis*) é um elemento fundamental nas obras dos tragediógrafos. Num sentido ainda mais anterior do que o apontado por Aristóteles em sua

Poética, para “As antigas tradições, *πάλαι* (que são as tradições órficas), sustentavam, segundo Platão, que a purificação consiste em separar o máximo possível a alma do corpo” (FERRATER MORA, 2000, p. 415). Caberia, então, tentarmos entender em que medida essa separação entre o físico e o espiritual ocorre na *Catarse* proposta por Barros. Ou quem sabe, e este me parece o melhor caminho, tentar perceber como esses dois modos de experiência estética — ou dupla perspectiva sobre o motivo condutor — afetam o eu lírico e, conseqüentemente, o leitor que deixar conduzir-se pela leitura de seus versos.

Isso explicaria por que, mesmo arrastado pelas correntezas desse sentimento catártico, o poeta não se furta ao dever crítico do seu ofício, como se pode constatar em “É tech, é pop, é lucro”:

Assim a sociedade se move
de praxe a política se dá
como de hábito o mercado vende
o mundo nessa vida bazar
é tech, é pop, é lucro (BARROS, 2022, p. 44).

Em “Live Mundo”, se observa, e enfim podemos aqui destacar, toda visceralidade outrora mencionada, sem perder a medida certa no tom, para nos dizer que “O mundo grita, seu hálito sopra veneno / por onde passas sangue em tuas pegadas / expulso do céu fez da terra seu éden / em uma tarde cinza” (BARROS, 2022, p. 46). A diferença nestes casos, e em tantos outros que surgem no rolar as páginas de *Catarse*, se comparados àqueles poemas preambulares, se dá na ancoragem que o amor sustenta a pena (ou à caneta e o teclado, se preferirem). Trata-se de uma manifestação mais física do que espiritual — e por isso visceral —, daquele olhar que o poeta lança sobre a realidade. Em última instância, embora saiba que o amor existe e tudo transforma, a decadência, o horror, a barbárie, a dor e o sofrimento estão às espreitas, sempre a um passo de se tornarem apenas o que resta. É o que justificaria uma leva de poemas “em nome do amor”. E aqui podemos levantar outra pergunta: amor a quem e ao quê?

O risco de dar voltas sobre si mesmo ante a essa questão, de imprimir um caráter narcísico e egóico é tentador e bastante comum aos que se arriscam — o que não ocorre na obra em análise. Embora intimista, mesmo os poemas mais pessoais atingem uma certa universalidade, a ponto de Sheila se tornar codinome para qualquer pessoa amada: “Uma Atena no Partenon / Uma menina cheia de sonhos / Uma Helena dos trópicos”, pois como dito nos

versos que seguem: “Que toda mulher tenha o seu nome / Que todo amor leve sua paixão / Que todo sonho possua seu coração” (BARROS, 2022, p. 39).

O amor ao lucro, o amor ao progresso, o amor aos ideais, o amor irracional ao que exclui, ao que fere, ao que derrama o sangue do outro, ao que gera fome e morte. Ao longo de sua jornada o ser humano desenvolveu inúmeras formas de amar e amou como pôde uma infinidade de coisas. Em “Miséria em ascensão”, o eu lírico de Barros nos revela a face mais representativa desse dilema:

Eu vi de perto, eu vi de olhos abertos
a miséria em ascensão
Eu vi de perto, eu vi de um arranha-céu
a metrópole pedindo pão
(...)
Mazelas que perduram, séculos de corrupção
Dramas lançados à posteridade, ninguém tem coração
Me diz qual a palavra-chave pra esse áureo tempo
de bárbaros sem educação, de miséria em ascensão (BARROS, 2022, p. 48).

A conclusão poderia não ser animadora ou sequer proferida, mas o poeta sabe do que é preciso, pois se para alguns antídotos a solução está no próprio veneno, o que o amor desta natureza precisa é de mais amor, ciente de que “Não é só enxergar é saber porquê / Não é só entender é pra quem sabe mudar / Não é só chorar é agir contra o caos / Não é só escrever é sair do divã e fazer acontecer”, “Mesmo sabendo que este sonho é um tanto absurdo” (BARROS, 2022, p. 48 e 53).

Por fim, e igualmente importante, os espaços contidos nas imagens poéticas tecidas por John Barros são tão diversos quanto os temas abordados e relevantes para a compreensão da obra. Alguns facilmente reconhecíveis, como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, mas é de supor que as paisagens urbana e rural de Vitória da Conquista se encontram em seus poemas representadas. Sejam estes espaços nominalmente referenciados ou não, é lícito supor que eles também possam ser reconhecidos em qualquer parte, porque o que os preenchem de cores e vida é o fator humano presentificado em suas ruas, prédios, calçadas, rodovias, palácios e tantos outros espaços.

Não resta dúvidas em dizer aos que se aventurarem pelas páginas de *Catarse* que encontrarão nelas uma das vozes poéticas contemporâneas bastante expressiva e madura. Bem como manifestar o desejo que estes mesmos poemas transponham as barreiras que encontrarem pelo caminho e que em sua jornada encontrem novos leitores e companheiros de caminhada. A poesia conquistense, nacional e contemporânea agradece.

REFERÊNCIAS

FERRATER MORA, J. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Loyola, 2000 (Tomo I: A-D).

NOTAS

ⁱ Bolsista Capes/Proex: 88887.829682/2023-00.